

ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA

Nº 2973/2023

Aos dezesseis dias do mês de maio de dois mil e vinte três, às dezoito horas, reuniram-se para Reunião Ordinária do Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano Ambiental – CMDUA do Município de Porto Alegre, através da plataforma virtual *Zoom*, nos termos do Decreto nº 20.611/2020, sob a presidência de **GERMANO BREMM, Secretário Municipal de Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade – SMAMUS**, e na presença dos:

CONSELHEIROS GOVERNAMENTAIS: Cristiane Catarina Fagundes de Oliveira (Titular), **Departamento Municipal de Habitação – DEMHAB**; Júlia Lopes de Oliveira Freitas (1ª Suplente), **Empresa Pública de Transporte e Circulação – EPTC**; Sônia Castro (Titular), **Gabinete do Prefeito – GP**; Angelita Silveira de Farias (1ª Suplente), **Fundação Estadual de Planejamento Metropolitano Regional – METROPLAN**; Patrícia da Silva Tschoepke (Titular) e Vaneska Paiva Henrique (1ª Suplente), **Secretaria de Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade – Smamus**; Fernanda Brito da Silveira (1ª Suplente), **Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico – SMDET**; Glauber Douglas do Nascimento Mello (Titular), **Secretaria Municipal de Obras e Infraestrutura – SMOI**; Rafael da Silveira Velho (Titular), **Secretaria Municipal de Governança Local – SMGOV**; e Joel Goldenfum (Titular), **Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS**.

CONSELHEIROS NÃO GOVERNAMENTAIS: Jussara Kalil Pires (1ª Suplente), **Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental – ABES/RS**; Claudete Aires Simas (Titular), **Acesso Cidadania e Direitos Humanos - ACESSO CDH**; Ricardo Ruschel (Titular), **Associação Rio-grandense dos Escritórios de Arquitetura – ÁREA**; Valdir Fiorentin (2ª Suplente), **Conselho de Arquitetura do Rio Grande do Sul – CAU/RS**; Natan Arend (Titular), **Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB/RS**; Fernando Martins Pereira (1ª Suplente), **Sindicato dos Engenheiros do Rio Grande do Sul – Senge/RS**; Rogério Dal Molin (Titular), **Sindicato das Indústrias da Construção Civil – SINDUSCON**; e Mark Ramos Kuschick (Titular), **Sociedade de Economia do Rio Grande do Sul - SOCECON/RS**.

CONSELHEIROS DA SOCIEDADE CIVIL: Adroaldo Venturini Barboza (Titular), **Região de Gestão de Planejamento Dois – RGP. 2**; Jackson Roberto Santa Helena de Castro (Titular), **Região de Gestão de Planejamento Três – RGP. 3**; Tânia Maria dos Santos (Titular), **Região de Gestão de Planejamento Quatro – RGP. 4**; Wagner Pereira dos Santos

33 (1º Suplente), **Região de Gestão de Planejamento Cinco – RGP. 5**; Luiz Antônio Marques
34 Gomes (Titular), **Região de Gestão de Planejamento Seis – RGP. 6**; Dinar Melo de Souza
35 (2º Suplente), **Região de Gestão de Planejamento Oito – RGP. 8**; e Emerson Gonçalves dos
36 Santos (Titular), **Temática de Habitação, Organização da Cidade, Desenvolvimento**
37 **Urbano e Ambiental – OP-HOCDUA.**

38 **SECRETARIA EXECUTIVA:** Camila Maders Fonseca Coelho, **Secretária Executiva da**
39 **SMAMUS**; Patrícia C. Ribeiro, **Taquígrafa/Tachys Graphen.**

40 **PAUTA:**

41 **1. Abertura;**

42 **2. Apresentação: Entrega 1 da Consultoria Técnica para Revisão do Plano Diretor de**
43 **Porto Alegre - Ernst & Young.**

44 Após a conferência de *quorum* o Senhor Presidente deu início aos trabalhos às 18h20min.

45 **1. ABERTURA;**

46 **Germano Bremm, Secretário Municipal de Meio Ambiente, Urbanismo e**
47 **Sustentabilidade – SMAMUS:** Boa noite, Conselheiros, Conselheiras. São 18h20min. Temos
48 *quorum*. Então, declaro oficialmente aberta a nossa Reunião Ordinária do Conselho Municipal
49 de Desenvolvimento Urbano Ambiental. Hoje uma pauta é bastante especial, temos a presença
50 ilustre aqui de todo o time da consultoria contratada na nossa cooperação internacional com o
51 PNUD. A Ernst & Young, representada aqui pelo coordenador do projeto, o Diogo, a quem
52 eu gostaria de saudar em nome de todos os representantes da consultoria, das mais diversas
53 áreas que hoje vão apresentar, de acordo com a instrução normativa que regula os
54 procedimentos de revisão do Plano Diretor. Então, é a consultoria hoje, conforme previamente
55 indicado na nossa pauta, que vai fazer apresentação do produto 2, ou seja, o diagnóstico do
56 Plano Diretor vigente. Como os Conselheiros já sabem, nós estamos dentro da etapa de revisão
57 do Plano Diretor, quase que na finalização da Etapa de Leitura da Cidade, estamos produzindo
58 as oficinas temáticas. Ontem demos início às oficinas temáticas, no tema Ambiente Natural, ao
59 longo aí das próximas semanas a gente vai evoluir em cada um desses eixos, até nós
60 concluirmos a Etapa de Leitura da Cidade e podermos avançar para a Etapa de Sistematização
61 e Propostas. E lá no final do ano a gente ter condição de avançar para a terceira etapa, a etapa
62 de fato, que é a construção da minuta do Projeto de Lei do Plano Diretor, a ser submetido à
63 Câmara de Vereadores. Só que em paralelo a essas leituras, especialmente, a Leitura da
64 Cidade, existe todo um trabalho sendo conduzido em paralelo pelos grupos de trabalho, as

65 reuniões que têm acontecido dos diversos grupos de trabalho, nos termos que prevê a
66 instrução normativa aprovada por este Conselho, que é o grupo de trabalho técnico
67 operacional, o grupo de trabalho das regiões, das entidades, enfim, são diversos atores desse
68 processo. E também, de forma concomitante e com um olhar, naturalmente, mais técnico,
69 aprofundado, a consultoria trabalhando nesses diversos produtos que vão nos dar depois a
70 possibilidade de a gente, no momento de construção das propostas, fazer esses cruzamentos de
71 qual é a leitura comunitária, a leitura da cidade, qual é a leitura mais técnica que está sendo
72 subsidiada através da entrega desses produtos, como, naturalmente, também a visão e expertise
73 de todo o time que trabalha no planejamento urbano da cidade. Então, a partir disso a gente
74 começa a construir as propostas e, em paralelo a isso, todos os respectivos produtos. Então,
75 especialmente, hoje temos a apresentação dentro do cronograma, a gente prevê o produto 2,
76 que são os respectivos diagnósticos. Aí eles vão envolver a evolução urbana, o
77 desenvolvimento socioeconômico, o transporte, mobilidade, meio ambiente, desenvolvimento
78 rural, paisagem, patrimônio cultural, turismo, todos os temas que envolvem o planejamento e
79 desenvolvimento urbano da cidade. Então, é uma apresentação que a gente tem uma
80 expectativa de ser desenvolvida por cerca de uma hora e depois a gente abre para perguntas. A
81 Camila fez o envio das orientações, que, eventualmente, dentro da apresentação vai ter uma
82 fala de um dos consultores em espanhol. Então, existe a possibilidade dentro do aplicativo
83 Zoom em ouvir a tradução, que vai ser feita em tempo simultâneo. Qualquer dúvida depois
84 também a Ana Luiza acho que pode, eventualmente, repetir a orientação. A gente passou as
85 orientações pelo WhatsApp, pelo e-mail também e qualquer dúvida a Ana pode nos ajudar.
86 Mas vamos iniciar, então, de imediato, a ouvir o nosso coordenador da Ernst & Young, o
87 Diogo, para fazer essa introdução, contextualização desse produto. Diogo, por favor, fique à
88 vontade.

89 **2. APRESENTAÇÃO: ENTREGA 1 DA CONSULTORIA TÉCNICA PARA REVISÃO**
90 **DO PLANO DIRETOR DE PORTO ALEGRE - ERNST & YOUNG.**

91 **Diogo Mac Cord, Coordenador da Ernst & Young:** Obrigado, Germano. Boa noite,
92 Conselheiros. Eu acho que este é um momento bastante aguardado aí por muitos, fruto de um
93 trabalho muito grande que foi feito, tanto pelo time da Secretaria da SMAMUS, e agradeço na
94 pessoa do Secretário Germano e da Diretora Patrícia esse esforço hercúleo que foi feito, de
95 todo o time. Aqui da EY, eu agradeço diretamente a Gabi, que vai falar agora, continuar a
96 apresentação. Todo o time da EY, dos parceiros. É uma equipe, como vocês sabem,

97 multidisciplinar, além da agenda urbanística que se reúne, os especialistas na área ambiental,
98 econômica, jurídica, social, infraestrutura, enfim, é um grupo bastante grande. Eu acho que
99 todos sabem do esforço que foi este trabalho e muito vocês nos ajudaram diretamente nas
100 visitas de campo que nós fizemos, que foram absolutamente formidáveis. Eu acho que esse
101 esforço fica potencializado pela tradição que a gente tem no Brasil de ausência de dados
102 robustos, que a gente possa usar no planejamento urbano de maneira geral. Mas, eu acho que
103 mesmo assim a gente conseguiu vencer essa etapa, a SMAMUS ali no esforço incrível nos
104 ajudou a buscar essas informações com várias outras secretarias da Prefeitura, do Governo do
105 Estado. E acho que no final, realmente, ficou um trabalho muito robusto e muito interessante.
106 Então, sem mais delongas aqui, eu passo para a Gabi iniciar a apresentação. **Gabriela Perez,**
107 **Ernst & Young:** Obrigada, Diogo. Bom, boa noite a todos. A nossa intenção hoje é
108 apresentar o nosso produto 2 de conceitos e diagnósticos. E acho que eu começo aqui
109 destacando que é um produto que possui mais de 700 páginas. Então, é um desafio apresentar
110 todo esse conteúdo de forma resumida e abrangente ao mesmo tempo. Então, a gente tentou
111 trazer aqui todos os capítulos que a gente montou dentro do nosso produto. A gente traz aqui
112 a agenda. Então, é nossa primeira parte, a gente vai apresentar um pouco das considerações
113 gerais e dos principais procedimentos realizados. A segunda parte, eu vou apresentar um
114 pouco sobre a caracterização do território em 13 temas diferentes, que serviram de subsídio e
115 foram fundamentais para a gente concluir o diagnóstico do produto como um todo. Na terceira
116 parte o Vítor Carvalho, que é o nosso parceiro especialista em Direito Urbanístico, vai
117 apresentar a caracterização do SMGP. E logo depois eu volto para apresentar a quarta e quinta
118 parte, que são os comparativos em diferentes escalas e a importância da ODS e da nova
119 Agenda Urbana no contexto desse projeto. Por fim, aqui na sexta parte o Roberto Convert,
120 que é o Arquiteto Urbanista da Oficina Urbana, a nossa empresa parceira e especialista em
121 planejamento urbano, vai apresentar o diagnóstico dos componentes do modelo espacial. É
122 nessa parte em que a apresentação vai ser feita em espanhol. Então, nesse momento vocês vão
123 contar com a tradução das nossas intérpretes Meg e Patrícia, como o Germano explicou e
124 como a gente já encaminhou para as instruções. Mas, qualquer dúvida, a gente pode fazer uma
125 pausa para explicar como é o ícone que a gente precisa apertar. Bom, aqui a gente mostra um
126 pouco do andamento do nosso trabalho, neste momento a gente está finalizando o produto 2
127 de conceito e diagnóstico. E a gente inicia a elaboração dos produtos 3 e 4, que serão
128 entregues conjuntamente e que representam a avaliação das estratégias, modelo espacial e

129 SMGP, e consolidação da percepção da cidade. E ela tem previsão para finalização em junho
130 deste ano. E depois disso a gente vai ter cerca de 4 meses de trabalho para finalizar toda a
131 nossa participação aqui e durante esses 4 meses, de hoje até o fim da nossa participação, vão
132 acontecer diversos momentos de participação social e também da nossa apresentação do
133 trabalho como um todo. Bom, entrando agora um pouco no produto em questão, foram
134 entendidos quatro grandes objetivos: a caracterização do território em diversas escalas; a
135 caracterização da eficiência e eficácia do planejamento estratégico do sistema de gestão
136 urbanística; avaliação crítica dos conceitos e diretrizes e o diagnóstico do território em relação
137 aos 9 componentes do modelo espacial. As etapas, como a gente já explicou, elas consistiram
138 na caracterização no território, do SMGP, a relação do PDDUA com as ODs e a nova Agenda
139 Urbana e, por fim, o diagnóstico. E a gente achou importante trazer também aqui os principais
140 procedimentos realizados para conseguir entregar esse produto. Então, no primeiro momento a
141 gente concentrou os nossos esforços em coletar e tratar os dados recebidos, em realizar análise
142 quantitativa desses dados. Eu acho que a gente fez uma lista de mais de 100 solicitações e a
143 gente recebeu algo próximo da metade deles. Então, nesse momento, a gente já encontrou um
144 primeiro risco aqui para o nosso projeto, que é a falta ou a inexistência de alguma
145 documentação, e algum dado que a gente precisa para seguir. Então, a gente para mitigar esse
146 possível risco a gente contou com duas estratégias diferentes, a primeira foi desenvolver
147 algumas variáveis Proxy, com base em dados recebidos e que a gente julgou sendo dados
148 estratégicos, capazes de gerar subsídios para análise dos temas que a gente não tinha tanto
149 acesso à informação. Como exemplo, a gente teve o tema da densidade populacional, que o
150 último censo disponível pode ser obsoleto e a gente precisava atualizar esse dado para seguir
151 com todas as análises. Então, a gente, por exemplo, nesse caso usou os ramais de água
152 fornecidos pelo de DMAE, porque a gente entendeu que a mancha urbana era compatível com
153 a mancha urbana atual. Então, isso é só um exemplo de algumas das variáveis que a gente
154 aplicou no projeto. A segunda foi extrair o máximo possível das diversas reuniões que a gente
155 fez durante esse período, acho que, se eu não me engano, foram cerca de 20 reuniões com
156 secretarias, grupos de trabalho, entidades e também com as visitas que a gente fez durante esse
157 período. Foram três visitas bastante produtivas e que a gente foi a campo, a gente fez reuniões
158 presenciais e foram muito boas para a gente poder fazer uma análise qualitativa desse trabalho.
159 E também, considerando as referências bibliográficas, que tanto a SMAMUS quanto a nossa
160 experiência permitiu a gente de utilizar. Eu acho que um último ponto que vale destacar aqui é

161 que a gente apresentou os mapas e as análises em diferentes formatos, às vezes estão
162 representados por macrozonas, outras vezes por RGPs, *grids* hexagonais ou UEU. E isso
163 aconteceu por conta da base que a gente recebeu, às vezes elas não eram compatíveis entre si.
164 Então, como nesse momento não foi possível homogeneizar todas essas bases, a gente partiu
165 por esse tipo de abordagem, de apresentar através da referência que a gente recebeu, mas a
166 gente entende que aqui a gente já consegue ter um primeiro diagnóstico base desse nosso
167 produto, que a gente entende que tem uma necessidade de criação de uma base única de dados
168 e que seja melhorada a compatibilização entre elas, as diferentes camadas. O Município hoje é
169 subdividido em algumas tipologias, macrozonas, RGPs, UEUs, bairros, talvez se a gente
170 tivesse uma compatibilização entre essas camadas seria fácil de monitorar todos os dados que a
171 gente precisa para ter um Plano Diretor previsível. Bom, aqui na parte da caracterização é
172 onde concentra o maior número de páginas do nosso trabalho, são cerca de 400 páginas
173 dedicadas a essa etapa. Como eu falei, são 13 temas que a gente abordou. Então, para a gente
174 poder resumir cada uma dessas temáticas, a gente optou por apresentar aqui por meio da
175 análise *swot* ou a FOFA em português, que consiste numa técnica utilizada para auxiliar a
176 identificar: forças, fraquezas, oportunidades e ameaças; relacionadas ao planejamento do
177 projeto, e aqui, especificamente, de cada tema que a gente tratou. E aí, para além disso, a
178 gente apresenta também para cada temática o nível de dados disponibilizados diretamente.
179 Então, aqui a gente começa com a evolução urbana, entre as forças que a gente conseguiu
180 identificar, a gente destaca que a mancha urbana é consolidada na Região Norte do Município
181 e a existência de áreas de preservação ambiental. De fraquezas a gente colocou: ocupações
182 fragmentadas, dispersas ou descontínuas em território urbano rural; avanço da ocupação
183 urbana sobre áreas de transição urbano rural ou sobre áreas rurais; decréscimo gradual das
184 áreas destinadas à agropecuária e o incremento gradual das áreas não vegetadas. Das
185 oportunidades a gente identificou: regime de uso e ocupação do solo passível de alteração e o
186 programa do 4º Distrito, que contém um sistema inovador de regulação, que consiste em uma
187 pontuação do projeto com base em atributos desejáveis. Já nas ameaças: ocupação informal em
188 áreas de preservação ambiental e falta de disponibilidade de infraestrutura urbana e serviços
189 públicos em determinadas regiões. Dentro dos dados disponibilizados a gente pontuou de 2/5
190 (dois de cinco). No desenvolvimento econômico as forças identificadas foram: a localização
191 estratégica em relação ao Mercosul, Brasil e RMPA; a infraestrutura consolidada; os setores
192 econômicos tradicionais e estabelecidos; povos universitários e instituições de ensino que

193 fornecem mão de obra qualificada. Das fraquezas: queda em competitividade em comparação a
194 RMPA; redução expressiva de empregos e estabelecimentos comerciais; baixa diversificação
195 dada a forte dependência em setores de serviços de administração pública. Oportunidades:
196 atividades econômicas com países vizinhos e sinergias com municípios vizinhos; investimento e
197 infraestrutura; diversificação da economia com investimentos em setores emergentes, como
198 tecnologia, inovação, economia criativa, turismo e energias renováveis. E das ameaças:
199 competição contra os estados e outros municípios do Estado; instabilidade econômica gerada
200 por crises internacionais e por decisões da União. Aqui a gente apresenta o mapa de densidade
201 de habitacional por *grid* em Porto Alegre, que foi o mapa que a gente produziu pela nossa
202 variável Proxy. E dentre os dados disponibilizados a gente pontuou ele em 3/5 (três de cinco).
203 Para desenvolvimento social as forças identificadas foram: diversidade cultural; consciência
204 socioambiental presente nos debates sobre o PDDUA; população preocupada com a inclusão
205 social. Para as fraquezas a gente identificou: acesso à oportunidade requer grandes
206 deslocamentos pela cidade; ocupações em áreas de risco. Para as oportunidades a gente
207 identificou: dinamização da cidade com a consequente criação de oportunidade de
208 desenvolvimento; otimização da mobilidade para a promoção da conectividade;
209 desenvolvimento de desenhos urbanos inclusivos. E para as ameaças: deslocamento de
210 investimentos externos para outras cidades e migração de profissionais qualificados para outras
211 cidades por falta de oportunidades atrativas. A gente trouxe aqui o mapa de taxa de
212 alfabetização média em 2010 em Porto Alegre e os dados disponibilizados foram 3/5 (três de
213 cinco). Para transporte mobilidade, as forças identificadas foram: 91% dos ônibus têm
214 acessibilidade a cadeirantes; integração RMPA por meio da Trensurb; primeiro município a
215 publicar legislação sobre regulamentação de transporte por aplicativo; redução significativa de
216 assaltos em transporte público. Para as fraquezas são: vias monocêntricas e congestionadas;
217 percepção de falta de segurança em pontos de ônibus; falta de fiscalização em calçadas,
218 culminando em depredação do passeio público. E para as oportunidades: incentivos legais á
219 fachada e mobilidade ativa; trabalho em conjunto da EPTC com a SMMU; expansão da
220 Trensurb para o transporte municipal e expansão do transporte hidroviário. E as ameaças:
221 envelhecimento populacional e a consequência de demanda de transporte público; expansão da
222 macha urbana e implicar na expansão da malha viária de transporte público. De mapa a gente
223 trouxe aqui como um dos principais a frequência de linhas de ônibus em função da densidade
224 habitacional e de [Inaudível] serviço e comércio. Isso também é uma mescla entre uma variável

225 Proxy e dados que a gente recebeu. E dentre os dados disponibilizados a gente pontuou de 2/5
226 (dois de cinco). Para o meio ambiente, as forças que a gente identificou foram: fragmento e
227 significativos de vegetação, especialmente de Mata Atlântica; riqueza de recursos hídricos;
228 percentual significativo de áreas permeáveis; normas ambientais protetivas. De fraquezas:
229 desperdício de recursos naturais pela ineficiência da infraestrutura associada à água e energia;
230 poluição do solo e da água pelo despejo de resíduos e efluentes não tratados; ocupações
231 irregulares em áreas sensíveis. De oportunidades: desenvolvimento do turismo como estratégia
232 de valorização do ativo ambiental; acesso a fundos verdes para a promoção de sustentabilidade
233 urbana; promoção dos corredores verdes e azuis; promoção dos espaços abertos com conexão
234 entre a natureza e as pessoas. De ameaças: riscos associados às mudanças climáticas; pressão
235 imobiliária sobre áreas sensíveis. A gente trouxe aqui um mapa de área de preservação
236 permanente e os dados disponibilizados a gente pontuou de 2/5 (dois de cinco).
237 Desenvolvimento rural sustentável, as forças foram: recursos naturais abundantes; tradição de
238 agricultura familiar; conscientização ambiental. De fraquezas: infraestruturas deficientes;
239 pressões urbanas; poluição em descarte irregular advinda da atividade urbana de Porto Alegre
240 e municípios vizinhos. As oportunidades: demanda por alimentos orgânicos e produtos locais;
241 políticas públicas para agricultura sustentável; parcerias com universidades e instituição de
242 pesquisa; fomentar o aumento da parcela do setor no PIB do Município. As ameaças:
243 vulnerabilidade a mudanças climáticas e competição com municípios vizinhos. A gente trouxe
244 aqui um mapa de produtores rurais de Porto Alegre e os dados disponibilizados a gente
245 pontuou de 2/5 (dois de cinco). Paisagem e patrimônio cultural, a força que a gente identificou
246 foi que Porto Alegre conta com uma rica história, traduzida em seus espaços públicos e
247 edificações, de extrema importância cultural e arquitetônica. As fraquezas foram de que o
248 inventário de compatibilização pode restringir a ocupação da cidade para além da preservação
249 responsável do patrimônio cultural. De oportunidades, a gente identifica a Lei Complementar
250 nº 930/2020, do Programa de Reabilitação do Centro Histórico, valorizando as potencialidades
251 sociais, econômicas, ambientais e funcionais dentro do perímetro de adesão. E o Programa
252 +4D da Regeneração Urbana, envolvendo intervenção e recuperação de bens tombados ou
253 inventariados, áreas ou monumento de interesse cultural, públicos ou privados. De ameaça, a
254 gente também identifica que a restrição do inventário de compatibilização pode inibir a
255 ocupação e interesse no entorno onde o patrimônio se encontra. A gente trouxe aqui o mapa
256 área dos imóveis tombados de estruturação e compatibilização. Os dados disponibilizados a

257 gente classifica 2/5 (dois de cinco). Para o tema turismo, as forças identificadas é: o 9º
258 aeroporto mais movimentado do Brasil; a intervenção do parque urbano da orla do Guaíba;
259 passaporte turista cidadão; rica historicidade, que também a gente conta na parte de
260 patrimônio. As fraquezas: poucas atrações icônicas para cartão postal; baixa circulação de
261 moedas estrangeiras; pouco incentivo à caminhada e transporte público; ordem inacabada e
262 porto com galpões abandonados. De oportunidades: passeios de Catamarã no Rio Guaíba e
263 passeios de pedestres no entorno do rio; coturismo no Extremo Sul; enoturismo e vinícolas;
264 turismo esportivo, considerando que temos o Grêmio e o Internacional; turistas que visitam a
265 Serra Gaúcha e utilizam Porto Alegre como uma rota; referências em tratamentos de saúde ou
266 consulta médicas. E das ameaças: criminalidade em vazios urbanos, que transmitem senso de
267 insegurança. De dados disponibilizados a gente pontuou 4/5 (quatro de cinco). Esta (*slide*) foi
268 uma das fotos que a gente tirou em uma das nossas visitas e passeios que a gente fez no Rio
269 Guaíba. Do tema de infraestrutura e saneamento as forças foram: altos índices abastecimento
270 de água e coleta de lixo; boa cobertura de iluminação pública e a rede telecomunicações 5G,
271 premiada recentemente. De fraquezas: infraestruturas deficientes em áreas irregulares; baixo
272 índice de tratamento de esgoto frente a quantidade de água consumida. E na medida em que a
273 rede de água se expande as perdas do sistema e seus respectivos custos aumentam. De
274 oportunidades: potencial de investimentos por meio de PPPs e outras formas de financiamento,
275 adoção de práticas sustentáveis para a gestão de recursos hídricos e resíduos sólidos. E de
276 ameaças: limitações orçamentárias e recursos financeiros; regulamentações e requisitos
277 ambientais cada vez mais rigorosos; vulnerabilidade a eventos climáticos extremos, como
278 inundações e tempestades. E de dados disponibilizados a gente pontua 2/5 (dois de cinco). A
279 gente traz aqui um mapa de problemas de infraestrutura identificados em uma das oficinas
280 comunitárias realizadas. Bom, de serviços públicos e de interesse público, as forças
281 identificadas foram: distribuição dos equipamentos de saúde acompanha a densidade
282 demográfica; distribuição dos equipamentos de educação acompanha a densidade demográfica
283 sem distinção de nível de escolaridade. De fraquezas: equipamentos de saúde com leitos
284 registrados não se expandem por toda cidade urbanizada; falta de adensamento de
285 equipamentos públicos, como escolar, levando ao aumento das distâncias percorridas para
286 acessar serviços públicos; baixa concentração ou até ausência de equipamentos de saúde no
287 norte da cidade. De oportunidades: utilização mais eficiente dos recursos públicos destinados à
288 educação, maximizando a oferta de serviços educacionais sem aumentar significativamente os

289 custos associados. De ameaças: o abandono das escolas devido ao custo de deslocamento;
290 maior concentração de escolas e alunos na região próxima ao Centro Histórico. E de mapa a
291 gente trouxe a relação da quantidade de equipamentos de saúde por RGP e densidade
292 demográfica. Também é um mapa que a gente mescla dado recebido com variável Proxy e essa
293 temática foi uma temática que a gente conseguiu bastante informações, a gente pontuou aqui
294 4/5 (quatro de cinco). Dinâmica imobiliária, as forças foram: aumento de 24% no número de
295 lançamentos imobiliários entre 21 e 22; aumento do potencial construtivo com adequação do
296 estoque nas regiões denominadas como Centro Histórico e 4º Distrito. As fraquezas: o
297 Município possui vazios urbanos, imóveis ou glebas e imóveis em situação de abandono;
298 impacto na morfologia urbana através de condomínios e/ou assentamentos informais; valores
299 mínimos e máximos de venda e locação de imóveis muito discrepantes em diferentes regiões do
300 Município. De oportunidades: regularização de imóveis residenciais já existentes; reabilitação
301 do Centro Histórico de Porto Alegre com valorização nas potencialidades sociais, econômicas,
302 ambientais e funcionais; regiões com disponibilidade de infraestrutura e serviços públicos. E de
303 ameaças: construções em áreas sem previsão para implantação da infraestrutura e
304 disponibilidade de serviços públicos e parâmetros urbanísticos de potenciais construtivos
305 podem restringir o crescimento orgânico da cidade. A gente trouxe aqui um mapa de
306 lançamentos imobiliários de Porto Alegre, em janeiro de 2023, concentrados no terço superior.
307 E os dados disponibilizados a gente pontuou de 2/5 (dois de cinco). De habitação, as forças
308 identificadas foram: bairros de uso misto. Então, nem todas as unidades são de uso residencial,
309 que permite melhor qualidade de vida e menor tempo de deslocamento. De fraquezas: a
310 existência de imóveis abandonados, desocupados ou irregulares, como a gente trouxe ali na
311 dinâmica. Os indicadores de moradias precárias e moradias em favelas estão defasados. Então,
312 isso impede da gente ter uma análise um pouco mais precisa. Oportunidades: regiões com
313 disponibilidade de equipamentos e serviços públicos, além de proximidade aos polos de
314 serviço; produção habitacional para atendimento ao programa de reassentamento de famílias de
315 baixa renda que residem em locais impróprios. De ameaças: loteamentos e assentamentos
316 irregulares; assentamentos em área de risco; construções irregulares em regiões que não
317 possuem regime urbanístico. De mapa aqui a gente trouxe os condomínios habitacionais de
318 interesse social em Porto Alegre e de dados disponibilizados a gente pontua de 3/5 (três de
319 cinco). Segurança pública, as forças foram: policiamento já é distribuído conforme
320 criminalidade; baixa criminalidade noturna relacionada à boa cobertura de iluminação pública;

321 vigilância eletrônica e fiscalizações eficientes. De fraquezas: policiamento ineficiente; vazios
322 urbanos em locais subutilizados. Percebam que esse item a gente repete em algumas temáticas;
323 degradação e abandono de imóveis; mais roubos e furtos per capita na RMPA. De
324 oportunidades: câmeras de vigilâncias correlacionadas à queda de roubo de veículos;
325 policiamento em Sarandi, Rubem, Berta, Lomba do Pinheiro e no Arquipélago pode influenciar
326 criminalidade vizinhas; incentivo de fachada ativa visando o aumento de segurança. E de
327 ameaças: proximidade com o município de maior índice de violência na RMPA; sensação de
328 insegurança por baixa iluminação na zona norte e conflitos entre facções criminosas. De mapa
329 a gente trouxe aqui para representar as unidades de segurança por UEUs urbanizadas e a
330 gente teve uma boa recepção de dados aqui para esse tema. Então, a gente pontuou 4/5
331 (quatro de cinco). Por fim, a gente trouxe o tema de sustentabilidade. Das forças a gente
332 apontou: a consciência ambiental da população; serviços ecossistêmicos abundantes;
333 diversidade cultural; ativo ambiental relevante, especialmente áreas verdes e recursos hídricos.
334 De fraquezas: drenagem ineficiente; desigualdade social; ocupações irregulares em áreas
335 sensíveis. De oportunidades: potencialidade de recepção de investimentos verdes; legislação de
336 pagamento por serviços ambientais em fase de maturação; potencialidade de reequilíbrio da
337 matriz energética e de transportes; potencial de uso do Guaíba para atividades econômicas
338 sustentáveis. E de ameaças: resistências à mudança e riscos associados às mudanças climáticas.
339 A sustentabilidade foi um tema que a gente teve pouca recepção de dados, a gente pontuou aí
340 1/5 (um de cinco). E a gente trouxe o mapa de gravame de áreas verdes, praças e parques para
341 representar essa temática. E acho que ela conclui essa parte de caracterização por tema. Como
342 eu disse, é um tema muito extenso e que a gente aprofunda muito mais do que a gente
343 apresenta aqui, mas a gente tentou trazer de forma abrangente essas potencialidades e esses
344 conflitos de cada temática. Agora eu passo a palavra para o Vitor Carvalho, para apresentar
345 essa parte de caracterização do SMGP. Vitor, por favor. **Vitor Carvalho, Ernst & Young:**
346 Boa noite a todos. Minha saudação ao Secretário Germano, aos conselheiros e aos colegas da
347 consultoria. A caracterização do Sistema Municipal de Gestão e Planejamento é o elemento
348 mais jurídico aqui da consultoria. Então, nós fizemos, primeiramente, uma análise da legislação
349 conforme as esferas de governo, Legislação Federal, Estadual e Municipal. Uma análise dos
350 instrumentos disponíveis no Município e depois alguns temas mais específicos que mereciam
351 uma análise detalhada. A questão da expansão urbana do parcelamento do solo, zoneamento, o
352 solo criado, questão das obras públicas e dos assentamentos informais. Na questão da

353 legislação mais abrangente, nós começamos aqui com a Legislação Federal, procurando nos
354 centrar no que é matéria compulsória ou facultativa para o Plano Diretor. Então, naturalmente,
355 o Estatuto da Cidade é a lei mais importante e as matérias obrigatórias mais relevantes são as
356 zonas urbanas, disposição urbana e urbanização específica e rural, e alguns dos instrumentos
357 de política urbana, não todos. E existe um elenco grande de matérias facultativas, que podem
358 ou não entrar no Plano Diretor, tais como zoneamento, APPs, o Plano de Mobilidade Urbana,
359 os projetos de expansão urbana e a regulamentação dos instrumentos de política urbana. No
360 caso do Rio Grande do Sul é o Estado do Brasil com maior detalhamento de Legislação
361 Estadual. Então, além da própria Constituição Estadual, existe uma lei de desenvolvimento
362 urbano do Estado, que é um fator muito relevante, tem que ser levado em consideração.
363 Então, alguns destaques da Legislação Estadual, a previsão de que as zonas de consolidação
364 urbana sejam contíguas à mancha urbana existente e que tem sempre um zoneamento bem
365 definido. A definição de que os municípios devem ter leis distintas para determinadas matérias,
366 o sistema de planejamento, o Plano Diretor, o Programa Prioritário de Obras e a participação
367 popular. E uma série de matérias a serem incluídas no Plano Diretor, como a estimativa da
368 população, o perímetro urbano, as áreas de preservação permanente, patrimônio cultural, os
369 povos geradores de tráfego, as atividades poluidoras, equipamentos públicos, sistema viário, o
370 uso de ocupação do solo. Outro dado importante quando a gente analisa os fatores estaduais,
371 são os instrumentos estaduais correlatos ao Plano Diretor. No caso do Rio Grande do Sul, o
372 mais relevante é o Plano de Bacia do Lago Guaíba. Lembro que o Estado do Rio Grande do
373 Sul poderia ter, mas não tem, um zoneamento econômico e ecológico, e o Plano de
374 Desenvolvimento Integrado para a região metropolitana ou mesmo o Plano de
375 Desenvolvimento do Estado, que está previsto na Constituição Estadual, mas não foi
376 elaborado. Porto Alegre também tem uma legislação muito densa na lei orgânica, ela também
377 trata do Plano Diretor, é bastante convergente com a Legislação Estadual, prevê a delimitação
378 das zonas urbanas, situação urbana e rural. Existem ainda outras leis importantes, além do
379 próprio Plano Diretor, como a Lei do Centro Histórico, a do 4º Distrito e algumas leis sobre
380 instrumentos específicos. Então, é uma legislação bastante densa e bastante completa que
381 existe em Porto Alegre, considerando as leis federais e estaduais. É muito importante a gente
382 ter presente o que é o sistema atual de planejamento. Quer dizer, é o Plano Diretor de três
383 componentes muito claros, que é o plano estratégico, o próprio sistema de planejamento com
384 regulamentação de instrumentos e o plano regulador, sendo que esse plano regulador cumpre o

385 papel que outros estados, outros municípios em geral são atendidos por uso e ocupação de
386 solo. Complementado pelas áreas de revitalização que estão previstas no Plano Diretor, para as
387 quais existe a previsão de uma regulamentação específica, que é o que foi feito no 4º Distrito e
388 no Centro Histórico. Os projetos especiais acabam flexibilizando a rigidez do plano regulador,
389 que realmente é muito detalhado, mas através dos projetos especiais acabam tendo uma
390 flexibilidade, que, a meu ver, é positivo. Uma ideia que a gente tem a ser desenvolvida nos
391 próximos produtos é talvez regulamentar melhor esses projetos de área de revitalização,
392 criando um plano específico para essa escala intermediária. E de certa forma que a gente possa
393 ter certa padronização desses planos urbanísticos que vêm depois do Plano Diretor e que são
394 mais específicos para cada região da cidade. Agora, comentando alguns temas específicos, a
395 questão da expansão urbana e do parcelamento do solo, é importante a gente entender que
396 Porto Alegre não faz uso do conceito de disposição urbana. Na verdade, o Plano Diretor prevê
397 os conceitos de área de ocupação intensiva e área de ocupação rarefeita. Então, na prática, é
398 entendido que essas duas áreas são áreas urbanas, não de expansão urbana e nem rural. De
399 todo modo, a gente tem que compreender também que a área de ocupação rarefeita tem
400 características rurais, em grande medida, e apesar disso ela admite o parcelamento do solo que
401 é feito com grande cautela pela Prefeitura. O zoneamento, a gente tem a consolidação no plano
402 regulador, com a flexibilização trazida pelos projetos especiais e temos regras sobrepostas no
403 4º Distrito e no Centro Histórico, de tal forma que é preciso ler as duas leis simultaneamente
404 para saber exatamente qual é o regime jurídico nessas áreas. O solo criado é um instrumento
405 muito antigo em Porto Alegre, usado desde antes do Estatuto da Cidade, ele é bastante
406 sofisticado comparado com o resto do Brasil. Além dos coeficientes básico e máximo que
407 existem por obrigação do Estatuto das Cidades, existe um sistema de estoques, esses estoques
408 por quarteirão, de tal modo que é preciso não apenas ter os índices básico e máximo, mas
409 também disponibilidade de estoque para que o potencial construtivo possa ser adquirido pelo
410 interessado. A fórmula de cálculo da outorga a gente achou um pouco complexa e achamos
411 que poderia ser repensada, talvez simplificada um pouco mais. Os estoques são estabelecidos
412 aqui pelo Conselho, achamos que também os critérios para fixação do estoque poderiam ser
413 melhores discutidos, a gente deveria trazer aqui para o Conselho essa discussão e eles são
414 vendidos diretamente ao empreendedor, a Prefeitura não faz mais uso dos leilões, como fazia
415 no passado. Na questão das obras públicas, o Plano Diretor tem a malha viária básica como um
416 dos anexos, mas muitas outras infraestruturas relevantes não estão presentes. Por exemplo, o

417 próprio sistema da Trensurb, que não está presente no Plano Diretor e outras infraestrutura de
418 grande porte. Isso leva outras secretarias ou órgãos estaduais, federais, acabem realizando
419 intervenções sem uma previsão expressa no PDDUA. E também não existe nenhuma obrigação
420 de um planejamento urbanístico que venha junto com essas grandes infraestruturas, o que pode
421 gerar problemas de impactos negativos ao redor das grandes infraestruturas. Então, não existe
422 essa exigência em planejamento urbanístico, não existe a exigência de um plano de escala
423 intermediária como um modelo, eventualmente, de um reparcelamento do solo ao redor das
424 grandes infraestruturas para que haja o máximo aproveitamento dessas intervenções. Um dado
425 interessante, que também é o único de Porto Alegre, que a gente vê como positivo, é a
426 conferência do direito de construir sendo usada como forma de pagamento de
427 desapropriações. Não está claramente previsto no Estatuto das Cidades, mas também não há
428 nenhuma inconstitucionalidade por esse fato, pelo contrário, é direito do Município criar essas
429 inovações de emergência pareceu muito interessante. Por fim, a questão dos assentamentos
430 informais, a gente percebe que o Plano Diretor delimita as AEIS, que são aquelas áreas
431 delimitadas, justamente onde estão os assentamentos para que possa haver uma isenção da
432 aplicação daqueles índices do plano regulador. Mas a Prefeitura entende, e é legítimo, que
433 pode haver Reurb fora dessas AEIS. Então, acaba enfraquecendo um pouco a própria
434 importância das AEIS. Não existe um plano abrangente, único, oficial de regularização
435 fundiária para todo o Município, identificando claramente para cada setor se ele vai ou não vai
436 ser regularizado e qual seria a ordem de regularização dos assentamentos. A regularização é
437 feita a partir da demanda que vem de cada assentamento e aí a tomada de decisão. Achemos a
438 fiscalização para novas ocupações também poderia ser melhorada, mas que vai além do Plano
439 Diretor, depende de outros órgãos que fazem essa fiscalização, mas é importante que eles
440 funcionem, porque do contrário a gente estaria regularizando assentamentos que ainda não
441 existem, que vão surgir no futuro. Também existe uma característica específica de Porto
442 Alegre, que existe uma legislação que determina a instalação de água em qualquer
443 assentamento, independente de regularização. Então, é um fator também importante a se
444 considerar. Era isso e muito obrigado! **Gabriela Perez, Ernst & Young:** Obrigado, Vítor.
445 Agora a gente vai apresentar aqui um pouco do comparativo em diferentes escaladas. A gente
446 traz a escala internacional, que a gente abrange o Mercosul, a nacional e a metropolitana. Bom,
447 com relação à escala internacional, a gente traz aqui a informação do IDH e a região
448 metropolitana de Porto Alegre, ela tem um IDH de 0.762, sendo a quarta posição entre 5

449 regiões metropolitanas analisadas: Santiago, Buenos Aires e Montevideu. Mas é importante a
450 gente falar que ela tem um nível relativamente alto e desenvolvimento humano, especialmente,
451 quando se compara com IDH nacional, que é de 0.727. Com relação à escala nacional a gente
452 trouxe aqui uma análise do IFDM, que é o Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal, onde
453 ele analisa o desenvolvimento socioeconômico de cada município brasileiro em três áreas
454 fundamentais, que são: emprego e renda, educação e saúde. Porto Alegre está na posição 119
455 de ranking estadual e 659 de ranking nacional. Considerando que o Estado do Rio Grande do
456 Sul registra um total de 497 municípios, para educação o ranking estadual indica que 70% dos
457 municípios do Rio Grande do Sul têm um índice de educação melhor. Para saúde isso indica
458 que 65% dos municípios têm um índice de saúde melhor, mas, apesar disso, é o Município com
459 mais hospitais no Estado. E de emprego e renda, a gente identifica que nesse caso as capitais
460 de São Paulo e Curitiba são as únicas que apresentam um ranking estadual pior que Porto
461 Alegre. E de crescimento de PIB aqui, de 2002 a 2012, a gente apresenta aqui 4,16% em Porto
462 Alegre e 16% no Brasil como um todo. Por fim, aqui na escala metropolitana, de acordo com a
463 informação da Raiz, Porto Alegre é responsável por 22% dos empregos e 31% da massa de
464 renda do Estado. Então, a gente trouxe aqui informações pontuais, mas só para a gente mapear
465 aquelas que foram as principais destacadas nessa etapa. Com relação à quinta etapa do
466 PDDUA versus as ODSs e a Agenda Urbana, acho que muito provavelmente a grande maioria
467 entenda a relevância das ODSs e a Agenda Urbana para o projeto, mas acho que vale reforçar
468 aqui que dentro do contexto da revisão do Plano Diretor o planejamento da cidade sustentável
469 é um dos principais objetivos almejados. E as metas para se chegar a essa cidade sustentável
470 foram muito bem indicadas pela ONU, através das 17 ODSs, definidas na agenda de 2030, em
471 2015. E esse objetivo foi reportado pela nova Agenda Urbana, que é focada em impulsionar o
472 modelo global de urbanismo sustentável, visando minimamente atender a ODS 11 de cidades e
473 comunidades sustentáveis. Então, dessa forma, nesse produto a gente teve esse primeiro
474 momento de conseguir trazer a relação entre os indicadores de cada ODS compatíveis com a
475 escala municipal de Porto Alegre e com a realidade do Município. Então, nessa etapa, para
476 além dos indicadores da ODS, a gente também mapeou e interligou os indicadores
477 monitorados pelo ObservaPOA, bem como identificamos alguns indicadores novos. Então,
478 nesse produto, aqui a gente traz a escala entre o total de indicadores, os indicadores das ODSs
479 que são aplicáveis à escala municipal, os indicadores do ObservaPOA e os indicadores que a
480 gente sugere para serem adicionados. Aqui a gente apresenta todas as 17 ODSs, mas acho que

481 vale a gente só comentar aqui que, obviamente, a ODS 11 é a que possui um número maior de
482 indicadores e em sequência vem a ODS 03 de saúde e bem-estar, depois a ODS 16 de paz,
483 justiça e instituições eficazes. A ODS que relaciona mais indicadores monitorados pelo
484 ObservaPOA foi também a 11, de cidades e comunidades sustentáveis. Já as ODSs que a gente
485 como consultoria sugeriu novos, as que a gente apresentou mais indicadores foram as ODS 3,
486 de saúde e bem-estar, ODS 11 e ODS 16. Na sequência também teve a ODS 01, de
487 erradicação da pobreza e a ODS 04 de educação e de qualidade. Agora eu passo a palavra para
488 a Ana Luiza, que vai explicar um pouquinho sobre como utilizar a ferramenta de tradução,
489 porque o Roberto na sequência vai apresentar em espanhol. [Instrução da ferramenta de
490 interpretação]. **Roberto Convert, Ernst & Young (Via intérpretes Meg e Patrícia):** Olá,
491 boa noite. É um grande prazer estar nesta reunião e também o trabalho incrível que nós
492 realizamos em todo este tempo, acompanhado por uma equipe multidisciplinar muito
493 importante. Também neste diagnóstico de componentes de modelos espaciais, no qual nós
494 tentamos organizar uma análise por meio de todas essas estruturas, caracterização de
495 ocupação, organização, modelos estruturais, zoneamento, condições de sistematizar unidade
496 de sustentabilidade. Na próxima imagem, eu acho que de alguma maneira nós vamos tratar de
497 organizar a visão com a qual nós estamos tentando entender e produzir todas essas revisões.
498 Este contexto temporal e espacial, quando nós produzimos uma realidade, um momento
499 histórico, há uma quantidade de condições culturais os quais o planejamento tem formas de
500 interpretar a realidade, observar e tirar sugestões, nas quais essa visão de estratégia social
501 eram traduzidas ao modelo espacial e deveria ter um modelo de gestão de planejamento com
502 normas, regulamentações e condições de gestão sobre modos de interpretar a divisão do
503 território em áreas. Essa condição que atualmente nós estamos utilizando, com a condição que
504 havia em 2010, mas, além disso, hoje também consiste nesse formato na estrutura principal,
505 temos que entender que essa revisão se faz fundamentalmente a partir das novas condições,
506 que esse movimento humano, movimento social, movimento de transformação da cidade e as
507 condições da cidades, foram geradas ao longo do tempo com a nova Agenda Urbana. Bem,
508 nesse sentido, alguns aspectos nos quais as dimensões são fundamentais á nova Agenda
509 Urbana, porque nessa agenda as condições de sustentabilidade relacionadas com as condições
510 sociais, onde nós agregamos temas, por exemplo, como a diversidade sobre vários pontos de
511 vista, conceitos de sustentabilidade. Aparece também o capital humano, onde o planejamento
512 deve estar preparado para a inovação do trabalho e também para a inclusão social, como parte

513 desse processo de desenvolvimento econômico, a sustentabilidade ambiental. Tudo isso são
514 aspectos temáticos estratégicos, relacionados, por exemplo, com condições de nos depararmos
515 com certas dificuldades. E como que nós podemos ter sucesso com tudo isso? A
516 sustentabilidade espacial no território tem dois novos desafios, a equidade é um deles. E como
517 consolidar uma densidade urbana tendo também a atração aos seus habitantes, que permita
518 retê-los e convocá-los? Bem, um dos aspectos fundamentais da nova Agenda Urbana, na qual
519 nós estamos tentando incorporar fundamentos para essa revisão, eles são realizados por
520 métodos de implementação, nos quais a governança tem muitos níveis na relação entre vários
521 aspectos que são fundamentais e estratégicos. Outros aspectos, por exemplo, como métodos
522 considerados duros, que tem a ver com a infraestrutura, nos quais essas infraestruturas
523 significam hoje condições de qualidade de vida, como serviços de redes, que, por exemplo,
524 devem acompanhar o crescimento da cidade, mas se transformaram em uma necessidade básica
525 com necessidades de consolidar algo que se tornou fundamental. Hoje não são apenas aportes
526 que nós fazemos a partir de certas atividades ou de certas atividades que são,
527 fundamentalmente, os conteúdos que dão atrativos e também o desejo de viver, de habitar uma
528 cidade. É incorporar como parte desse planejamento, neste sentido, os temas de tecnologia, de
529 inovação. Eles criaram nos últimos tempos, e diante de tudo, a necessidade de contar com
530 dados de sistemas, como foi explicado que tem a dificuldade de se instalar a realidade da
531 cidade. Por exemplo, a de Porto Alegre. Mas também é certo afirmar que esses dados que nós
532 obtemos fazem parte de um sistema de gestão, esse sistema de gestão por causa das
533 tecnologias de inovação, começam a criar uma nova mediação social, uma nova relação social,
534 inclusive, entre a governança da cidade e também a cidadania. Na próxima imagem, por favor,
535 nós temos aqui, então, essa questão instrumental, na qual a Cidade de Porto Alegre conta com
536 seus fundamentos estratégicos, centros de organização de territórios e também nesses quatro
537 aspectos que são dominantes: a região de planejamento, as macrozonas, 8 regiões de
538 planejamento, 9 macrozonas, 260 unidades de estruturação urbana e também uma quantidade
539 muito mais ampla de subunidades e estruturação urbana. Essa condição é a que nos parece
540 como conceito, porque nós temos que revisar, por exemplo, até onde essa condição pode
541 servir no futuro para a Cidade de Porto Alegre, para se transformar numa cidade com uma
542 dinâmica social, que contenha os aportes, as contribuições com a nova Agenda Urbana.
543 Quando falamos dessa nova Agenda das Nações Unidas, a partir do ano de 2016, quando foi
544 produzida, não devemos nos esquecer de novas condições de qualidade, novas contribuições a

545 partir das práticas sociais, de diferença, de diversidade que toda cidade possui, novas
546 expectativas, novas condições, também de economia. Inclusive, geradas por meio de dois
547 fenômenos que foram o princípio das nossas cidades. Por exemplo, a pandemia e a pós-
548 pandemia, que são assuntos que nós devemos incorporar nas práticas e na agenda local. Nesse
549 sentido, nós observamos que essas quatro visões que eu acabei de me referir, e na próxima
550 imagem, aqui tem uma ordem com uma análise desses componentes. Eu volto ao ponto que eu
551 já expliquei anteriormente, para entender o processo que nós vamos observar nessa análise que
552 foi feita, para que nós cheguemos a um diagnóstico. A caracterização que está relativa, como
553 escala internacional, nacional, metropolitana e municipal, todas as cidades buscam encontrar
554 como parte dessa rota que dá sentido a sua inserção a seus habitantes, não apenas na sua
555 localidade, mas um território mais ampliado. Esse sentido de ocupar o território que está
556 vinculado justamente às condições de porque existem zonas intensivas, zonas vazias ou não,
557 com densidades diversas. Logicamente que tem a ver com essas condições de entrar nesses
558 territórios de grande escala, territórios da Urb metropolitana, inclusive, que gera tensões na
559 Urb local. Essa condição de organização que está dirigida às condições das macrozonas, os
560 seus limites e depois há o conceito de como nós podemos estruturar esses elementos dentro de
561 um modelo espacial, como é que nós vamos fazer os alinhamentos. Essas zonas, por exemplo,
562 como o uso do solo, como que nós vamos sistematizar os vínculos entre as áreas, a estrutura
563 urbana, como que nós vamos explicar as unidades dentro dessa estrutura como são as normas,
564 que de alguma maneira gera o efeito dentro das condições dos territórios que estamos
565 analisando. Como que nós podemos a partir dessa visão sustentabilidade, que explicamos
566 inicialmente, começar a conduzir um eixo dentro dessa análise de diagnóstico. Mas na próxima
567 imagem nós temos que ter essa visão, que para mim é muito interessante colocarmos aqui
568 diante de vocês, essa estratégia de análise tem certa intencionalidade, há um diagnóstico
569 tendencial com direção a visões que nos permitam encontrar pontos de vista relativos ao
570 futuro, às condições de nova implementação e também essa revisão sobre o plano dessa
571 cidade. Então, o território e sua inserção na escala internacional, nacional, regional,
572 metropolitana e municipal, nós temos esse estudo para entender o comportamento humano
573 diante dessas circunstâncias. Há uma circunstância que começa a ganhar efeito e forma, a
574 forma da cidade em si. Na próxima imagem temos os modos de ocupação desse território,
575 observando essa estratégia de análise macro, que nasce a partir da situação país, região,
576 também a situação da cidade. Nós vamos estabelecer uma condição que nós visualizamos

577 muito claramente na próxima imagem a seguir, de como esse efeito de territorialização desses
578 territórios, com vários limites dessa cidade. Passando para a próxima imagem, que é onde
579 acontece a principal força da conectividade metropolitana, internacional, local em Porto
580 Alegre. Claramente, ela acontece na zona norte, que é uma zona onde se concentra uma zona
581 intensiva de ocupação e há uma representação, inclusive, das áreas de patrimônio, do trajeto
582 histórico da cidade, as zonas que de alguma maneira representam dinâmicas econômicas, tanto
583 de pequenas e médias empresas, como também de grandes corporações, que acontecem essas
584 dinâmicas de atividade social, que de alguma maneira são uma referência, uma concentração
585 intensa dentro de um formato de uma cidade. Inclusive, aí também se gera a estrutura mais
586 organizada e mais intensa também da mobilidade, tanto primária quanto a secundária.
587 Inclusive, eu diria que essas condições de uma zona muito estratégica, como pode ser essa
588 autopista, que é internacional, que também liga Argentina e Uruguai ou esse corredor
589 ferroviário, ou talvez essa área portuária, que ela estrutura em uma plataforma de presença
590 notável. Por exemplo, é notável este valor estruturador que há na zona norte, que poderia ser,
591 claramente, e deveria ser uma plataforma de valor extraordinário para a cidade. Mas não tem
592 as condições, nem a forma e nem a presença de uma circunstância tão transcendente. Essa
593 zona contém uma estrutura de maior intensidade, ocupação dentro do território. E na próxima
594 imagem explicamos também uma circunstância muito importante, que tem a ver com essa
595 superfície de Porto Alegre, que tem 496 km² e tem 1,5 milhões de população nesses
596 quilômetros quadrados. É importante observar esses dados refletem a forma de uma cidade,
597 uma divisão muito importante, que é importante preservar, cuidar, mas, ao mesmo tempo,
598 devemos representar uma forma notável, importante, significativa para uma nova Agenda
599 Urbana. Quando vamos ao centro desses territórios vemos algo que eu gostaria de ter uma
600 condição de análise no tempo. Essa cidade está dividida entre terços, entre três partes, com
601 densidade alta, média e outro com densidade baixa. O que eu quero dizer com isso é que essa
602 situação de ordem territorial, que poderia ser claramente dominada por condições da qualidade
603 de uso do território, com alta capacidade de paisagem, áreas que são permeáveis, que dá
604 qualidade de vida, inclusive, a esses territórios. Mas, de forma paradoxal, nós temos um
605 território fragmentado com alta densidade, média e baixa. O que representa isso quando nós
606 envolvemos as condições, que nós explicamos de ordem local, também municipal e também a
607 área metropolitana. Essas circunstancias mostram que altas densidades, que é uma hipótese
608 que eu gostaria de explicar, mas trabalhar na proposta do futuro, que não vou explicar agora.

609 Quando nós temos essa ordem estabelecida de receptividade, essa ordem das qualidades das
610 zonas de densidade média e muito menos a diversidade baixa, a concentração dos habitantes da
611 densidade alta acaba fazendo com que os grandes assuntos que a cidade tem hoje em dia é
612 resolver o crescimento da cidade, que acontece fora da cidade, mas em áreas que são
613 ampliadas, estendidas sobre a metrópole. Podemos dizer que em termos de habitantes Porto
614 Alegre perde habitantes por não dispor de uma ordem integral, que incorpore todas as suas
615 facetas de densidade, que esses três terços não sejam justamente possíveis de atrair essas zonas
616 de qualidades para poder convocar e até, fundamentalmente, reter os seus habitantes. Esse
617 conceito de capital humano, desenvolvimento econômico e também desenvolvimento de
618 qualidade, quando falamos do aspecto de atratividade. Quando nós passamos para a próxima
619 imagem vemos esse conceito de área de ocupação intensiva e áreas de ocupação que são de
620 certa forma rarefeitas, mas vazias, não temos uma descrição tão precisa para falar do
621 crescimento da cidade, mas nós temos aqui uma impossibilidade de organizar um território
622 com base nas zonas seletivas, diversas que ocupem, inclusive, por atração de diferenças a esse
623 território. Há formas que são claramente incorporadas, formas de uso dentro desse território,
624 mas nesse tracionamento da cidade são gerados limites que complicam a expansão urbana. Em
625 muitos casos, uma densificação que tenta ser controlada colabora a não gerar uma cidade
626 compacta, mas certa dispersão da cidade, de forma descontrolada, que você perde a
627 possibilidade que as suas áreas verdes, por exemplo, tenham qualidade, que organizam o
628 território, que ordene o território, de gestão desses territórios e tenham ameaças possíveis de
629 uma perda de superfície a partir da extensão ou da expansão das zonas de ocupação. Na
630 próxima imagem nós de alguma maneira queremos dizer que esse conceito de macrozona
631 facilita a formação espacial de zonas homogêneas também, com algumas disfunções de forma
632 paradoxal, porque nós temos que começar a estabelecer esse conceito claro e possível de
633 revisar. Mas como que nós podemos melhorar e incrementar os conteúdos nessas macrozonas
634 e considerar novos agrupamentos baseados com novas dimensões, que teriam ajustes aos
635 limites, às inteirações, inclusive, a quantidade de macrozona que poderia ter na Cidade de
636 Porto Alegre? Estamos analisando e estudando a maneira que nós estamos fazendo esse
637 projeto. Nós observamos quando vemos a relação entre macrozonas, a 1, 2 e 3, esse norte
638 mais compacto, que estaria conectado ao patrimonial, densificado, ligado também às zonas
639 fluviais, parecia ser que assim como possuem redes de infraestrutura, oportunidades de valor
640 para o futuro, os serviços de mobilidade também muito importantes, um maior valor dentro de

641 todas as cidades ou dentro dessa cidade, não tem um impacto urbano que estruture o conjunto
642 da Cidade de Porto Alegre, que articule de maneira estratégica os diversos marcos da cidade,
643 que organizam o seu território. Tão pouco, não podemos dizer que há uma condição de
644 ambiente que tenha uma porcentagem importante de áreas livres ou verdes, que consolide uma
645 qualidade de vida estendida a todo o setor da cidade. Eu insisto também que as suas áreas de
646 territorialidade, baseadas na infraestrutura e nos transportes não estão localizadas dentro de uma
647 qualidade estratégica, criando uma plataforma ordenada, mas tem um baixo nível de inserção
648 dentro da cidade. Nos outros setores das macrozonas nós vemos que a zona 9 ou 8, que são
649 áreas verdes grandes, são fluviais, são diversas, são produtivas. Além de ter uma diversidade
650 de paisagem, de ter um solo permeável, de dispor dentro da lógica de vários temas, de também
651 significar a disponibilidade de um turismo natural e produtivo, tem uma hierarquização muito
652 débil dentro da cidade. Não conta com planos de manejo, um vínculo turístico muito débil e
653 uma infraestrutura que ofereça suporte ao seu ordenamento de relações entre as partes. Nessa
654 macrozona mais verde, de áreas grandes verdes, dizemos que é uma estratégia que deve ser
655 cuidada e preservada, temos esses marcos de oportunidades de diversidade, com predomínio
656 das residências, das casas, há uma rede de infraestrutura com menor escala mais importante
657 que a zona norte, mas com uma existência real e visível. Também áreas naturais, que são muito
658 interessantes, que é a zona 8. E uma diversidade com relação às classes sociais e modos de
659 inserir nas formas de usar esses territórios. Mas há uma articulação débil, ameaça permanente
660 quando observamos a expansão sobre as zonas verdes. E há também uma concentração
661 importante no uso do solo. No próximo slide, essa zona 8 parece que adquire uma condição,
662 porque ela tem esse núcleo natural de reserva, de um valor de paisagem muito importante,
663 oportunidade também de turismo dentro da cidade e também de certo patrimônio a ser
664 valorizado dentro dessa característica. Há ameaças que são conectadas com a redução de uma
665 superfície, a ausência de manejo e também um vínculo muito débil com o turismo. Nos
666 pareceria que essa área não está compreendida com uma área de integração. Quando falamos
667 de turismo, não apenas de turismo internacional que se deva explicar ao mundo, mas um
668 turismo local, de recreação, de atividades sociais, culturais, que dinamizam tanto a cidade
669 como os seus cidadãos. Vamos passar para o sul na próxima imagem, essas linhas vermelhas,
670 que parecem ser as estruturantes, mas não parecem ter um valor que hoje em dia possam dar
671 conta da complexidade com a qual a cidade poderia estar mais viva. A expansão dos territórios
672 e que tem a ver com o crescimento do número de habitantes, estão vinculados com as

673 expectativas dos seus habitantes, os desejos dos habitantes sobre onde, como e de que modo
674 vão habitar a cidade. Essas necessidades estruturantes devem ter outra conexão, que deve
675 garantir justamente uma cidade mista, que é uma das coisas pretendidas pelo PDDUA. Então,
676 é algo que aqui colocamos essa divisão que estão acrescentadas de divisões diárias, mas é uma
677 centralidade de três formatos diversos. Essa alta mistura de uso e baixa que diversifica a cidade
678 em três eixos, que na próxima imagem nós podemos observar que não há uma forma conectada
679 entre as partes e integrada. E na próxima imagem ainda nós podemos ver sequências
680 particulares, que nós queremos ativar, acrescentando também o interesse da nossa proposta,
681 além do diagnóstico, que é uma visão sistêmica. Na próxima imagem nós queremos mostrar,
682 por meio desse diagnóstico, que há uma sobreposição para ter um sistema mais eficiente do
683 ordenamento da cidade. Essa densidade alta, média e baixa tem suas formas diferentes de
684 organizar o território, tem tramas diversas, várias mobilidades, os seus centros distintos. Isso
685 nos obriga a homogeneizar de certa forma a cidade. O que nós devemos fazer é intensificar a
686 mobilidade de três aspectos diferentes que podem ser integrados e gerando maior atratividade
687 e incluir valores que vão potencializar a cidade quando nós, sucessivamente, vamos sobrepor
688 os critérios da mancha urbana dessa cidade e começarmos a ter uma relação possível de
689 tramas, de vínculos, de relações. E vamos passando as imagens, por favor, Ana Luiza. Nós
690 vemos que essas macrozonas coincidem em todo caso com as áreas específicas, regiões de
691 gestão, estratégias ambientais. E aqui nós temos uma estratégia de sobreposição, onde é
692 possível ter uma cidade mais integrada, mais diversa e não de diferenças tão notáveis. Então,
693 temos que ter um conceito deste diagnóstico que vai instalar, que essa zona de privilégio, as
694 fundamentais, de valor, é aquela que têm mais densidade do que a zona norte, a média, ela não
695 é qualificada e a rural é uma zona distante, longe, diferente da zona principal. E parece que nós
696 temos que refletir sobre uma cidade mais integrada, mais sobreposta e respeitando os seus
697 formatos que existem, reposicionando-as da mesma forma. Vamos passar com mais velocidade
698 para que eu possa terminar talvez com alguma análise. O conceito de limite dessas regiões,
699 planejamento, é importante que nós possamos refletir sobre eles. Nós temos uma quantidade
700 de ordenamentos, de módulos e que vão monitorar a dinâmica de mudanças de usos da cidade,
701 não apenas uma região, um critério mais amplo, mas de uma escala mínima. E com esse
702 diagnóstico vemos que Porto Alegre deve revisar o seu plano a partir de voltar a ter uma
703 análise da sua maior escala, de um grau um pouco mais amplo e não das suas mínimas escalas
704 que essas unidades de estruturação urbana se movem. Então, por meio de 260 unidades, que é

705 uma quantidade muito difícil de ser gerida. É importante talvez ter um conceito de macrovisão
706 da cidade para voltar a revisar os limites das zonas territoriais. Então, é interessante, como
707 dizia o Vítor, falava sobre as áreas espaciais que poderiam ir gerando, que deveríamos pensar
708 nos novos usos, nos novos olhares da cidade, nesses novos desafios com as economias locais,
709 os modelos de assentamento de jovens que podem trabalhar e viver nos territórios. E também
710 essa base etária importa para que Porto Alegre possa gerar dinâmicas modernas dentro da
711 sociedade, que sejam compatíveis com a sua qualidade e diversidade, tipos de habitantes. Nós
712 acreditamos que os regimes de atividade, de instrumento de controle, de visão de terras,
713 poderiam ter uma revisão com uma escala renovada da cidade. E na próxima imagem, vamos
714 terminando com a nova Agenda Urbana, com todos esses conceitos que explicam para articular
715 conceitos da nova mirada no olhar sobre a cidade que estamos fazendo com esses
716 diagnósticos, onde temos o objetivo de sustentabilidade, que é integrar para aplicar de maneira
717 transversal a toda a cidade. Temos que entender que isso é muito interessante para
718 potencializar em qualidade e não dividir a cidade. Esse olhar obriga a ter uma maior qualidade
719 de indicadores urbanos, ou seja, uma recomendação que nós vemos na leitura que foi feita, que
720 é a ausência de dados que nos permitam ter indicadores que contem com a cidade. E na
721 próxima imagem nós devemos entender que a nova dimensão que nós devemos buscar está
722 baseado em critério socioeconômico, ambiental e territorial, que para terminar no próximo
723 slide nos interessa referenciar com esse olhar que tentamos dar, de respeitar os 1984 m² desse
724 permeário por habitante, de localizar essa qualidade de paisagem como o núcleo do futuro da
725 cidade. Criar uma estratégia na qual esses três terços sejam integrados, não fiquem divididos
726 por setores. O último slide mesmo, aspectos culturais, infraestrutural. Nós temos muito capital
727 para trabalhar, porque é uma cidade magnífica, potente, estratégia e também de alto valor
728 agregado para criar uma revisão do plano. **Germano Bremm, Secretário Municipal de Meio**
729 **Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade – SMAMUS:** Obrigado, Gabriela. Parabéns pela
730 apresentação a todos. Eu acho que vem a reflexão do nosso Plano Diretor vigente, do nosso
731 desenvolvimento urbano, ambiental e econômico da cidade. Acho que é importante destacar,
732 realmente, o material é bastante denso, aqui foi trazido um resumo de tudo aquilo que foi
733 detalhado através desses relatórios, muitos pontos visualizados aqui a gente compartilha desse
734 sentimento, talvez não de uma forma organizada mas desse sentimento mesmo sobre os
735 aspectos de desenvolvimento, sobre as deficiências da cidade de Porto Alegre, os equívocos,
736 enfim, as potencialidades também. Então, acho que a partir disso a gente tem realmente

737 bastante trabalho pela frente, para a gente conseguir lá em seguida avançar na efetiva a
738 construção de propostas, a partir desses problemas, dessas reflexões, desses diagnósticos aqui
739 trazidos. Então, obrigado pela apresentação de forma detalhada. A gente avançou um
740 pouquinho na hora, mas eu vou abrir as inscrições para a gente aproveitar a oportunidade.
741 Então, todos aqui presentes, se temos Conselheiros que, eventualmente, querem tirar alguma
742 dúvida sobre a apresentação, faça a inscrição no chat. Então, temos inscrito o Conselheiro
743 Gomes, o Conselheiro Dal Molin, o Professor Joel e Conselheiro Fernando. Vamos
744 oportunizar aqui iniciando pelo Conselheiro Gomes a fala. **Luiz Antônio Marques Gomes**
745 **(Titular), Região de Gestão de Planejamento Seis – RGP. 6:** Boa noite a todos, a
746 consultoria, aos meus colegas Conselheiros, Presidente e colegas da Prefeitura. Eu acho que
747 nós estamos tendo uma oportunidade fantástica de pela primeira vez ter uma visão de
748 planejamento urbano na intervenção do Roberto. Ele traz para nós uma visão de como
749 organizar a cidade, de como ver a cidade, a partir do que eles levantaram, eles apuraram,
750 basicamente, sem menosprezar o que as pessoas antes ali fizeram, todas aquelas apresentações
751 de dados, que não tem novidade para nós. O que significa que as discussões que nós estamos
752 levando para dentro das oficinas estão nos nutrindo de um grande material, tanto que para mim
753 não teve novidade nenhuma. O pessoal teve um trabalho enorme, bacana, eles entenderam a
754 cidade, mas é a cidade que nós já conhecemos, que nós já entendemos. Enquanto que o
755 Roberto organiza essas cartas e tenta colocar algumas diretrizes para a gente discutir como
756 planejamento da cidade. E pela primeira vez em muitos anos que eu estou vendo com muita
757 clareza, e eu já participei de três revisões de Plano Diretor. E o máximo que eu ouvi, lá em 99,
758 foi um argentino que veio aqui, que disse: Olha, vocês tem que fazer uma definição de que
759 Plano Diretor que vocês querem, para que lado que vocês querem ir, porque vocês estão
760 fazendo uma colcha de retalhos do desenvolvimento para Porto Alegre. E agora com essa
761 discussão aí que o Roberto coloca, ele nos induz a organizar os nossos raciocínios para tentar
762 buscar um modelo de planejamento para a cidade. Então, Presidente Germano, a minha
763 proposta assim era de que nós aprofundássemos uma discussão profunda com o Roberto, no
764 sentido de criar uma ideia de planejamento urbano para a cidade. Por favor, sem menosprezar
765 todo o trabalho do pessoal que fez, a gente viu um trabalho de muitos dados e tal, mas eu acho
766 que foi uma coroação de termos uma tentativa de fazermos propostas de desenvolvimento
767 urbano com a palestra do Professor Roberto. Então, uma oficina com o Roberto para discutir
768 melhor essa ideia de planejamento urbano. Obrigado. **Germano Bremm, Secretário**

769 **Municipal de Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade – SMAMUS:** Obrigado,
770 Conselheiro Gomes. Teremos a chance de aprofundar esse debate, muito bacana a sugestão.
771 Conselheiro Dal Molin inscrito. **Rogério Dal Molin (Titular), Sindicato das Indústrias da**
772 **Construção Civil – SINDUSCON:** Boa noite, meus colegas. Boa noite aos ouvintes. Eu fico
773 muito feliz com essa explanação da oficina urbana, esse diagnóstico extremamente feliz,
774 dedicado, delicado e me deu muita alegria ao ver um trabalho como esse. Porto Alegre nunca
775 se debruçou da forma como a oficina urbana nos apresentou. Porto Alegre está sempre presa a
776 discussões pobres, como altura de prédios e nunca se debruçou sobre um planejamento urbano,
777 diga-se de passagem, inexistiu planejamento urbano em Porto Alegre por uns 20 anos no
778 mínimo. E agora eu vejo uma ótica contemporânea de urbanismo, que ao mesmo tempo que
779 ela pretende desregular uma das coisas que foi regularizada ao extremo, como o nosso
780 Plano Diretor, que só veio sendo reformado, vamos dizer assim. É a primeira vez que eu vejo
781 uma proposta inteligente para a cidade, contemporânea, com uma visão de futuro, que
782 pretende ver a cidade lá na frente. Então, eu vou deixar para a gente fazer essa discussão, até
783 porque nós temos pouco tempo, mas concordo muito com o Arquiteto Gomes, que a gente
784 precisa fazer mais alguns encontros com a oficina urbana, para que a gente possa se apropriar
785 um pouco mais dessa visão inteligente que foi proposta para Porto Alegre, que isso sim vai
786 fazer com que Porto Alegre, dentro dos próximos 10 a 20 anos, suba muito no patamar de
787 qualidade de vida e de planejamento como nunca se teve. Então, eu quero dar os parabéns. A
788 gente tem que ficar honrados de ter pessoas tão qualificadas e que querem ajudar Porto Alegre
789 a crescer. Então, meus parabéns, não têm palavras pelo trabalho magnífico e agradeço demais
790 a oportunidade, a essa explanação. **Germano Bremm, Secretário Municipal de Meio**
791 **Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade – SMAMUS:** Obrigado, bacana ouvir as suas
792 palavras, que enriquece o nosso trabalho, sem dúvida o trabalho da Consultoria, todo o
793 esforço no sentido de a gente traçar as estratégicas de futuro. E a gente está só no início, ainda
794 temos a etapa de diagnóstico, tem muita coisa boa aí. Professor Joel. **Joel Goldenfum**
795 **(Titular), Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS:** Boa noite. Queria
796 agradecer ao trabalho que foi efetuado. Eu quero fazer apenas umas contribuições em relação,
797 principalmente, ao trabalho do Roberto, que eu acho interessante agregar a essa distribuição
798 em três áreas, em três terços, agregar um aspecto de desenvolvimento histórico, que pode
799 ajudar a gente a entender por que aconteceu isso e talvez ajudar na colaboração. Basicamente,
800 esse terço norte, como foi chamado, é o terço histórico do nascimento da cidade, envolvendo

801 o Centro Histórico e aquela expansão nas áreas mais planas do norte. Já o outro terço, que
802 está divido, o que aconteceu? A expansão para o sul se deu primeiro junto ao Guaíba, onde
803 ainda havia facilidades para colocar. E a outra parte, aquela parte mais ou menos densa, se dá
804 também por questões de relevo. Nós temos que entender que ali existe um relevo mais
805 acidentado, onde complicou um pouco talvez a colocação. Bom, o terço interior ainda é rural,
806 embora em Porto Alegre a gente não tenha essa classificação rural propriamente colocar. Eu
807 acho que a gente poderia pensar, não estou invalidando, pelo contrário, eu acho que a gente
808 pode pensar nessa questão, que o que tem, na realidade, controlado o crescimento da cidade se
809 dá muitas vezes por interesses imobiliários e não, necessariamente, um interesse de
810 planejamento em termos de fluxo, que é muito interessante essa ideia de promover esse
811 intercâmbio entre os diferentes terços. Eu fico preocupado apenas com uma ideia, quando se
812 fala em 1984 m² de área permeável. Bom, área permeável é o que mais me interessa, eu
813 trabalho basicamente com a questão de inundações urbanas, drenagem. Então, realmente, a
814 questão de impermeabilidade é fundamental, evidente, mas eu fico muito preocupado com essa
815 ideia de um número médio. Eu costumo brincar nas aulas que a média ela é muito interessante,
816 se você colocar a cabeça dentro do congelador e os pés dentro do forno ligado, em média a
817 temperatura é bastante agradável, mas não é bem assim, nós vamos continuar tendo áreas de
818 baixa permeabilidade no norte e áreas de grande permeabilidade no sul. E isso não vai melhorar
819 a condição, principalmente, de drenagem ou de outros elementos se a gente simplesmente
820 tentar manter. Nós vamos ter que pensar em maneiras de resolver não só a questão de
821 mobilidade, mas outros problemas que nós temos dentro da cidade, envolvendo áreas de risco,
822 envolvendo problemas de alagamento e inundações, e outras questões, que a gente vai ter que
823 pensar não só nesse número mágico, mas também na forma como ele se distribui. Isso,
824 Roberto, não é uma crítica, é apenas um comentário no sentido de que a gente... Eu tenho
825 certeza que vocês viram os aspectos históricos, mas agregar esses aspectos de como se
826 desenvolveu para pensar em como a gente pode chegar a essa nova dinâmica que você está
827 propondo, como é que a gente pode mudar. A tendência que a gente tem hoje de ser
828 controlado, principalmente por interesses imobiliários, em muitas regiões, não em todas, mas,
829 basicamente, e passar a ser controlado por questões como outras. A questão de mobilidade é
830 fundamental, evidentemente, em qualquer cidade. A gente conseguir juntar esse pessoal que
831 mora na região, você chamou de norte, mas para mim é difícil chamar de norte, para mim é
832 centro da cidade, mas tudo bem. Essa região, geograficamente, mais ao norte, com a área mais

833 ao sul, que tem com certeza grandes possibilidades, inclusive, de lazer e turismo. Então,
834 apenas uma contribuição nesse sentido, da gente compreender porque isso aconteceu para
835 poder modificar essa lógica, se for o caso, se for da vontade da cidade. Eu ainda vou ler isso
836 aqui com calma para entender, é a primeira vez que eu vejo, mas a minha primeira ideia é que
837 essa força das três áreas se dá principalmente pelo processo como se desenvolveu e para
838 modificar isso nós vamos ter que pensar bem como fazer. Obrigado. **Germano Bremm,**
839 **Secretário Municipal de Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade – SMAMUS:**
840 Obrigado, Professor Joel, pela sua contribuição e observação, sempre muito bem-vinda e
841 enobrece o nosso debate. Fernando, do SENGE. **Fernando Martins Pereira (1º Suplente),**
842 **Sindicato dos Engenheiros do Rio Grande do Sul – SENGE/RS:** Eu vou me manifestar,
843 apesar do avançado da hora. Mas, antes de tudo, eu gostaria de parabenizar o trabalho, eu
844 achei um trabalho bastante denso, muito interessante, como talvez a gente nunca tivesse visto
845 da forma como foi explanada. Eu quero agradecer ao Roberto, porque apresentou a cidade de
846 uma maneira muito técnica, muito interessante, todo baseado no trabalho que antecedeu de
847 todos os técnicos da Prefeitura e tudo mais. Mas de qualquer forma eu fiquei muito feliz em
848 assistir essa apresentação hoje. Eu acho que dessa forma vai contribuir muito no novo Plano
849 Diretor, que eu acho que vai ser um ícone no Brasil em termos de planejamento urbano. E pela
850 primeira vez a gente fala em planejamento urbano e não em urbanismo puramente. Então, acho
851 que isso foi muito salutar, muito interessante e eu queria simplesmente pedir a palavra para
852 parabenizar a equipe da SMAMUS e principalmente na pessoa do Roberto e sua equipe, e a
853 Oficina Urbana. Obrigado aí e uma boa noite a todos. **Germano Bremm, Secretário**
854 **Municipal de Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade – SMAMUS:** Obrigado,
855 Fernando. Eu não sei, em função do adiantado da hora eu só passo para o Diogo fazer um
856 arremate final. Temos ao longo deste ano inúmeras outras oportunidades a partir desse
857 diagnóstico para que a gente consiga construir as propostas. E eu não tenho dúvida que vão
858 ser muito ricas, porque a gente tem expertises dos mais diversos olhares internos e tudo isso
859 vai fazer com que a gente crie propostas para realizar o nosso Plano Diretor, para ser uma
860 referência no Brasil. Diogo, gostaria de oportunizar outras falas ainda ou já faz o
861 encerramento? **Diogo Mac Cord, Coordenador da Ernst & Young:** Germano, eu acho que
862 a apresentação foi bastante completa. Eu queria novamente agradecer todo o time, Gabi aqui
863 com todo o time que trabalhou demais nisso, o Roberto, o Vítor, a Rose, toda a equipe. Foram
864 muitas noites viradas de trabalho e para a gente é uma honra poder fazer parte desse projeto. E

865 com certeza temos os incentivos alinhados, da mesma maneira que para vocês a coisa mais
866 importante, possível é uma Porto Alegre melhor, para a gente também, o sucesso desse
867 trabalho é certamente o nosso objetivo principal. Então, muito obrigado, Secretário Germano,
868 Patrícia. Novamente para a gente é uma honra muito grande poder contribuir para Porto
869 Alegre do futuro. **Germano Bremm, Secretário Municipal de Meio Ambiente, Urbanismo
870 e Sustentabilidade – SMAMUS:** Muito bem. Obrigado, Diogo, Gabi, Roberto, Vítor, todas
871 apresentações muito ricas. Patrícia, em teu nome a todo time da Secretaria, que também vem
872 se dedicando, subsidiando com informação, debatendo, aprimorando todo esse processo, que é
873 muito rico, uma oportunidade única que Porto Alegre tem de fazer as suas reflexões do que
874 deu certo, o que não deu certo, aprender com experiências de outras cidades, outros países.
875 Enfim, eu acho que as oportunidades têm sido muito ricas aí de aprendizado, de troca com
876 todo o nosso time. Então, obrigado a todo time. Desejo uma excelente noite a todos que nos
877 assistiram aqui, Conselheiros e todos aqueles que nos acompanham no canal da SMAMUS.
878 Boa noite a todos.
879 Nada mais havendo a ser tratado, foi encerrada a reunião da Plenária do Conselho Municipal de
880 Desenvolvimento Urbano e Ambiental – CMDUA, às 20h18min, da qual foi lavrada a presente ata por
881 mim, Patrícia Costa Ribeiro, sob o Registro nº 225257/2003 – FEPLAM, prevalecendo o princípio da
882 presunção de veracidade.

Ata aprovada na sessão CMDUA de 04/07/2023, por maioria.

Favoráveis: DEMHAB, EPTC, GP, METROPLAN, SMAMUS, SMDET, SMOI,
SMGOV, ABES, AREA, SENGE, SINDUSCON, SOCECON, RGP2, RGP3,
RGP4, RGP6, RGP7, RGP8, OP;

Abstenções: ACESSO, IAB-RS, RGP1, RGP5

Contrários: -